

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**A PRÁTICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO
INFANTIL NA FORMAÇÃO MORAL DA CRIANÇA**

ARTIGO

Silvia Simone Schwerz da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

A PRÁTICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO MORAL DA CRIANÇA/UFESM, RS
DA SILVA, Sílvia Simone Schwerz
ESPECIALISTA
2013

**A PRÁTICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO
MORAL DA CRIANÇA**

Silvia Simone Schwerz da Silva

Artigo apresentado ao Curso de Especialização do Programa Especial de Formação de Professores para Educação Profissional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Docência em Educação Infantil.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Freitas da Silva Gallina

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Programa Especial de Formação de Professores para Educação Profissional

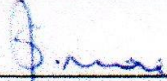
A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Artigo

**A PRÁTICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA
FORMAÇÃO MORAL DA CRIANÇA**


elaborado por
Silvia Simone Schwerz da Silva

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Docência na Educação Infantil

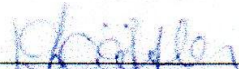
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof^ª. Dra. Simone Freitas da Silva Gallina
(Presidente/Orientadora)



Prof^ª. Dra. Viviane Ache Cancian
(UFSM)



Prof^ª. Ms. Daliana Löffler
(UFSM)

Santa Maria, 13 de setembro de 2013.

DEDICATÓRIA

Minha atividade enquanto Professora de Educação Infantil é regada de dúvidas, buscas, certezas, objetivos alcançados, frustrações... Muito apoio da minha família. Por isso dedico este trabalho ao meu marido Antônio Cezar que acompanhou minha carreira desde o início com todos seus estágios: dificuldades, desafios, conquistas, inquietações, certezas, ideais utópicos e mudanças consideráveis na Educação Infantil, colabora como pode, ajuda selecionar materiais reciclados para confecção de brinquedos e utensílios para escola, por ser gerente de serviço em uma concessionária de máquinas agrícolas multinacional muitas vezes doa entre outros objetos, caixas de madeira que são a embalagem de peças dos maquinários da empresa o que para a escola é muito importante para uso geral, pois armários nem sempre são suficientes. Em conversas sobre nossas vidas profissionais comparamos a disparidade das nossas realidades, ele trabalha com tudo de mais inovador, tecnologias de computadores para agricultura de precisão, clientes com realidades financeiras avolumadas, em contraponto a isso eu tenho alunos que chegam à escola apenas em busca de alimento, onde a maioria deles não tem nenhum acesso à tecnologia como, por exemplo, laboratório de informática, onde preciso confeccionar brinquedos com material reciclado para fazer a alegria da minha turma, já que o poder aquisitivo das famílias não me permite pedir que tragam brinquedos para doar para escola. Essas disparidades me estimulam ainda mais, pois percebo meu compromisso em uma sociedade com tantas desigualdades, mas que também oferece grandes oportunidades com base na Educação de qualidade;

Dedico também minha filha Manoella que apesar da tenra idade já participa com sugestões e colaborações que estejam ao seu alcance. À minha mãe Vaní que vive costurando para a escola colaborando em apresentações, teatros, etc.; ao meu pai Selviro que colabora com sua sabedoria e serenidade nos conselhos diante intempéries; meu irmão Douglas que se apresenta como marceneiro, construtor de móveis, prateleiras, conforme a necessidade da escola, apesar de ser Militar. Dedico ainda à minha cunhada Edinara, a quem contagiei com essa paixão pela educação, hoje ela cursa Pedagogia e já trabalha como Estagiária do CIEE em outra Escola de Educação Infantil enfim, ao meu sobrinho Artur que frequenta a mesma escola de sua mãe atualmente na Turma do Maternal II. Uma família inteira apaixonada pela Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pela Fé e as oportunidades a mim oferecidas;

Agradeço aos mestres do Curso de Especialização que quando poderiam ser apenas professores foram amigos me encorajaram perante os obstáculos, que trouxeram respostas às muitas perguntas que insistiam em não se calar. Também àqueles que desafiaram as minhas certezas, fazendo com que reconstruísse princípios ainda mais sólidos.

As colegas do Curso pela compreensão, amizade e carinho nos momentos alegres e tristes da vida pessoal, estudantil e profissional que partilhamos. Agora ficam as lembranças, em local seguro – o coração.

À orientadora pela sua imensa compreensão e tranquilidade, que em cada passo soube amparar, em cada escrita soube direcionar e em cada medo pode incentivar e sabiamente orientar pelo melhor caminho.

Enfim, agradeço imensamente as minhas colegas, equipe diretiva, pais e alunos da EMEI Glênio Pinto – Tupanciretã/RS por todos os momentos que passamos juntos e pela oportunidade ímpar que possuo em aprender a cada dia mais na companhia de vocês e nas experiências por nós vivenciadas.

“Nossos alunos necessitam de princípios, e não só de regras.”

Yves deLa Taille

RESUMO

A PRÁTICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO MORAL DA CRIANÇA

Trabalho de Especialização
Universidade Federal de Santa Maria

AUTORA: SILVIA SIMONE SCHWERZ DA SILVA

ORIENTADORA: Prof^ªDr^ª SIMONE FREITAS DA SILVA GALLINA

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 13 de setembro de 2013.

Neste trabalho pretendo discutir a importância da prática do Professor de Educação Infantil na formação moral da criança, questão que dá centralidade para a pesquisa realizada no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil/UFSM. Para isso foi imprescindível a referência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil as quais contemplam apontamentos importantes sobre o desenvolvimento integral da criança. Trata-se da necessidade da instituição de Educação Infantil se propor com a participação de seus professores formar moralmente a criança em abandono familiar seja ele físico ou emocional. A pesquisa foi realizada na escola onde atuo como professora das Turmas de Pré-Escolar B, considerando as experiências vivenciadas por mim e demais colegas no sentido de maus tratos, desleixo e falta de assistência afetiva por parte das famílias dos nossos alunos. A formação desses alunos depende da escola e do que as professoras podem fazer para sua proteção e formação moral, colaborando para amenizar seus traumas e maximizando suas características positivas.

Palavras-chave: Professor. Educação Infantil. Formação Moral.

ABSTRACT

THE PRACTICE OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHER IN MORAL FORMATION OF CHILDREN

Specialization job
Universidade Federal de Santa Maria

AUTHOR: SILVIA SIMONE SCHWERZ DA SILVA
GUIDANCE COUNSELOR: Teacher Doctor SIMONE FREITAS DA SILVA
GALLINA

Date and place of Defense: Santa Maria, September 13, 2013.

In this paper I discuss the importance of the practice of early childhood education teacher in moral formation of children, an issue that gives centrality to perform research in the course of specialization in Teaching in early childhood education/UFSM. For it was imperative the reference of the National curriculum guidelines for early childhood education which include important notes about the integral development of the child. It is the need of the establishment of early childhood education to propose with the participation of their teachers for morally the child in family abandonment be it physical or emotional. The survey was conducted at the school where I work as a teacher of the preschool classes B, whereas the experiment was experienced by me and other colleagues in the sense of abuse, neglect and lack of affective assistance on the part of the families of four students. The formation of these students depends on the school and what the teachers can do for their protection and moral training, collaborating to ease their trauma and maximizing their positive traits.

Keywords: Teacher. Early Childhood Education. Moral Training.

SUMÁRIO

Resumo	12
Abstract	12
MEMÓRIAS DE MINHA FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	13
APONTAMENTOS SOBRE O CONTEXTO DA PESQUISA.....	17
HISTÓRICO DO PROBLEMA	23
SOBRE AS VISITAS A FAMÍLIA	28
AS CONVERSAS COM AS CRIANÇAS	30
EDUCAÇÃO INFANTIL – UM COMPROMISSO EDUCACIONAL E SOCIAL	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	36

MEMÓRIAS DE MINHA FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Falar sobre a prática profissional é sempre algo muito prazeroso, considerando que o profissional em questão seja um ser humano realizado, o que felizmente é meu caso, adoro minha profissão!

Já sou Professora há 12 anos! Formei-me no Magistério no ano de 2001 estagiando em uma turma de 2ª Série – atual 3º Ano, no município de Jóia/RS em uma escola do interior com somente os anos iniciais do Ensino Fundamental. Esta escola por sua vez foi também a escola em que eu fui alfabetizada e cursei até a 4ª série – atual 5º Ano, a minha professora acompanhante foi também minha alfabetizadora. Imagine... Foi sem dúvida uma iniciação profissional maravilhosa! Lembro-me que, sempre me imaginava trabalhando como professora durante minha infância, então, quando completei o Ensino Fundamental minha família me ofereceu a chance de cursar Ensino Médio e posteriormente Graduação em Medicina Veterinária, sonho principalmente de meu pai que, tem raízes na vida rural, especialmente em fazendas. Porém, coloquei minha vontade em ser professora e, meio contrariada, a minha família aceitou a decisão. Hoje sei que são muito orgulhosos da minha escolha profissional, mas precisei batalhar muito para mostrar que era isso mesmo que eu queria pra mim, pois a cada desafio tinha a responsabilidade de provar que seria persistente nessa escolha. Não podia desistir jamais!

Depois de formada, no ano de 2002 fui contratada pelo município de Jóia/RS para trabalhar na mesma escola em que havia estagiado para lecionar a 1ª e a 2ª série juntas, enquanto minha antiga professora lecionava a 3ª e a 4ª série, usávamos a mesma sala em turnos opostos. Foi um desafio enorme... Fiquei feliz, realizada, insegura... Sem falar que para ir para casa (Tupanciretã/RS) aos finais de semana era uma viagem quase “interestadual” principalmente se estivesse chovendo! Mas eu tinha que ir, muita saudade da família e do namorado, claro! O primeiro semestre daquele ano foi assim, mas para o segundo o desafio foi maior ainda! Minha professora precisou sair da escola por motivos pessoais e as quatro turmas ficaram sob minha responsabilidade! Perdi a conta de quantas noites passei em claro me preocupando com a 3ª série, e principalmente com a 4ª série. Até as idas para casa passaram a ser quinzenais... Sentia-me muito só, sem colegas para trocar ideias, sugestões, relaxar... Mas realizei um bom trabalho atingi meus objetivos, às vezes errando e outras acertando! Ao final o saldo foi positivo e um incomparável aprendizado!

No ano de 2003, fiquei sem contrato porque a lei municipal não permitia renovar o contrato sem um intervalo mínimo de seis meses... Mas não desanimei! Iniciei a Graduação em Pedagogia Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil – Regime Espe pela Universidade de Cruz Alta/RS - UNICRUZ. Comecei a buscar contrato em Tupanciretã/RS, durante o primeiro semestre não consegui nada. Paciência... Passei a trabalhar como professora particular. No segundo semestre fui contratada para lecionar Ensino Religioso, Educação Artística, Ciências e Inglês para os Anos Finais do Ensino Fundamental por causa da licença maternidade da professora. Foi outro desafio... Quase um ato de loucura, bem difícil! Tive que estudar muito, me sentia muito insegura principalmente em relação a Ciências e Inglês. Pedia ajuda às colegas... Estudava muito... Noites Inteiras para chegar de manhã na sala de aula e conseguir ministrar as aulas. Mas tudo correu muito bem! Era necessário morar na escola novamente... Mas menos mal, agora tinha colegas comigo, aí tudo facilita! As vindas para casa nos finais de semana também estavam um pouco mais fáceis, tinha transporte! Mas se estivesse chovendo... Barbaridade! Empurrar a Kombi! Porém eu tinha que ir, a saudade da família e do, agora noivo, era muito grande!

Em 2004, finalmente saiu concurso na minha área em Tupanciretã! Agora já casada com uma filha a caminho, estudei muito e muito! Passei entre as 7 primeiras e fui nomeada ainda no primeiro semestre! Assumi uma 2ª série novamente em uma escola do interior, mas que tinha transporte diário, finalmente podia morar na minha casa! Fui muito feliz e realizada profissionalmente nesta escola, entrei em licença maternidade em setembro, encerrando assim mais um ano letivo!

No ano de 2005, trabalhei em uma escola do estado. Por estar amamentando não pude retornar a escola que estava no ano anterior, então o município me cedeu ao estado por ser uma escola dentro da sede. Lecionei a 1ª série – adorei, fiz muitos trabalhos interessantes, trazia muitas novidades da faculdade, construí inclusive uma brinquedoteca na escola com ajuda de algumas colegas da Pedagogia. Foi muito bom!

Em 2006, voltei novamente a trabalhar no interior! Dificuldades mil... Trabalhávamos em um reassentamento dentro de um enorme salão comunitário dividido com cortinas. Eu lecionava a 1ª série, colegas lecionavam mais três turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Foi um ano bem difícil, problemas com transporte, problemas com estrutura física, alunos com defasagem de idade – reprovação seguida por vários anos... Mas eu, juntamente com as colegas, tentei fazer o melhor trabalho procurando desprezar as dificuldades e evidenciar os pontos positivos que possuía! Sem dúvida um grande aprendizado!

O ano de 2007 me reservou dois grandes marcos, da minha vida profissional: a Formatura em Pedagogia e o meu primeiro contato com uma Escola de Educação Infantil. A minha formatura foi com certeza uma conquista indescritível, era algo que eu queria muito! Neste ano resolvi matricular minha filha em uma EMEI – aproximação como mãe, e como tudo na vida tem seu momento certo, fui convidada a abandonar o interior e assumir pela primeira vez uma turma de Pré – Escolar B em uma Escola Municipal de Educação Infantil. Inicialmente foi muito difícil... Senti-me perdida, era acostumada com 1ª série, mas não podia alfabetizar, também não podia passar todo tempo brincando... E onde estaria este “meio termo”? Passava muito tempo pensando nessa questão... Não fiz um trabalho tão maravilhoso... Eu lembro que preparava minhas aulas sempre com insegurança, selecionava atividades com base na 1ª Série, porém não muito aprofundado, optava, por exemplo, por atividades com o alfabeto, mas não exigia a absorção, apresentava e não cobrava. Realizava trabalhos com numerais sempre sem saber propriamente qual seria o nível correto das atividades. Recordo-me também que gostava muito de brincar no pátio ou mesmo na sala de aula, canções e jogos com temas educativos eram sempre bem-vindas, porém orientadores educacionais opinavam em reuniões que a alfabetização necessitava de mais atividades teóricas e pouco “recreio”. A direção da escola também não era bem preparada... Busquei ajuda... Era um momento de transição... O Pré – Escolar B estava iniciando... Informações desconstruídas, literalmente em construção... Foi um ano difícil, é triste pensar que aquela turma possa ter sido marcada com uma experiência não muito encantadora na Pré-Escola, mas eu dei o meu melhor! Fiz um trabalho que hoje, eu acho que poderia ter sido muito mais enriquecedor para meus alunos, mas naquele momento foi o que eu consegui e me orgulho muito disso!

Em 2008, por estar meio decepcionada com o Pré – Escolar pedi para retornar para Escola de Ensino Fundamental. E assim aconteceu... Lecionei uma turma de 2ª série. Muito bom, buscava muitas atividades diferentes... Visivelmente satisfeita! Porém neste momento fui nomeada professora de educação infantil... Concurso que havia prestado ainda no ano de 2006. Devido à experiência do ano anterior com Pré-Escolar B pensei em não assumir... Era mais um desafio, e minha carreira sempre foi recheada deles! Assumi. Meio insegura fui traçando minha trajetória em uma turma de Maternal e terminei mais tranquila e objetivada que no ano anterior!

Já em 2009, iniciei o ano letivo como no ano anterior, extremamente empolgada com o Ensino Fundamental! E muito inquieta em relação à Educação Infantil! E logo isso mudou, comecei me sentir diferente e depois de me observar muito... Dei-me conta que o que eu

queria mesmo era a EDUCAÇÃO INFANTIL! E que aquela experiência do ano de 2007 tinha dado frutos positivos e que seguidamente eu me deparava pensando em como eu trabalharia determinado tema do 3º Ano se estivesse na Educação Infantil, no Pré-Escolar B.

Então... O ano de 2010 me presenteou com 40 horas na educação infantil! Continuei com o Maternal em uma Escola Municipal de Educação Infantil e assumi novamente um Pré-Escolar B, porém agora, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental. A partir daí a realização foi completa! Neste mesmo ano decidi que quando eu fosse fazer uma Pós-Graduação seria na área de Educação Infantil, pois colegas da escola iniciaram um curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, fui a algumas aulas e não houve encantamento, acabei não efetuando matrícula...

No ano de 2011 continuei trabalhando com Pré-Escolar B e com uma Turma de Maternal II. Muitas realizações incluindo o momento em que realizei minha inscrição para o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil pela Plataforma Freire. Não era qualquer inscrição, era uma inscrição para um curso muito sonhado e ainda como “Cereja do Bolo” oferecido pela Universidade Federal de Santa Maria/RS – UFSM. Sonho Realizado!

Em 2012 fui convidada a assumir duas turmas de Pré-Escolar B. Continuei com minha turma de Pré-Escolar B na Escola de Ensino Fundamental e assumi também uma turma de Pré-Escolar B em uma Escola de Educação Infantil – Proinfância. Um desafio muito prazeroso, a cada novo acontecimento uma aprendizagem, cada adequação a realidade uma lição de vida... Os alunos da Escola do Proinfância são provenientes de famílias de grande vulnerabilidade social, apresentam também um quadro de desestruturação familiar. Na maioria das famílias os homens trabalham como diaristas, serviços gerais de baixa remuneração e catadores de material reciclável, as mulheres por sua vez são trabalhadoras do lar, faxineiras e domésticas. Percebe-se que a maioria das famílias não possui hábitos de higiene pessoal e, no meio em que vivem os valores sociais, em alguns casos, também são esquecidos. Os modos de lazer da comunidade se resumem em um campo de futebol, uma pracinha de brinquedos, salão comunitário que é usado para festa, encontros de projetos sociais, velórios, etc. e muitos bares com intuito de venderem bebidas alcoólicas e oferecerem mesas de jogos. Esta EMEI localiza-se em um bairro, onde residem famílias oriundas de outros bairros que foram contempladas com moradias doadas pelo poder público municipal, formando um conjunto habitacional - COHAB.

Em 2013 assumi duas turmas de Pré-Escolar B novamente, porém desta vez estarei com 40 horas em uma Escola Municipal de Educação Infantil – Proinfância. A realidade onde

a escola está inserida fundamenta totalmente a minha proposta de pesquisa que consiste na ideia de que a Educação Infantil possui um papel fundamental na Formação Moral da Criança.

APONTAMENTOS SOBRE O CONTEXTO DA PESQUISA

No presente artigo sugiro a reflexão sobre a necessidade da intervenção do professor de Educação Infantil na formação moral de seus alunos. Partindo do conceito que Moral é o conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano, e que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade. O termo tem origem no Latim “*morales*” cujo significado é “relativo aos costumes”. As regras definidas pela moral regulam o modo de agir das pessoas. Está associada aos valores e convenções estabelecidos coletivamente por cada cultura ou por cada sociedade a partir da consciência individual, que distingue o bem do mal, ou a violência dos atos de paz e harmonia Os princípios morais como a honestidade, a bondade, o respeito, a virtude, etc., determinam o sentido moral de cada indivíduo. São valores universais que regem a conduta humana e as relações saudáveis e harmoniosas. A moral orienta o comportamento do homem diante das normas instituídas pela sociedade ou por determinado grupo social. Diferencia-se da ética no sentido de que esta tende a julgar o comportamento moral de cada indivíduo no seu meio. No entanto, ambas buscam o bem-estar social. Na literatura, particularmente na literatura infantil, a moral se resume a uma conclusão da história narrada cujo objetivo é transmitir valores morais (certo e errado, bom e mau, bem ou mal, etc.) que possam ser aplicados nas relações sociais.

Durante minha vivência como educadora sempre pensei sobre a necessidade de desenvolver na escola um trabalho visando o desenvolvimento integral do aluno, para isso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) define criança como

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (DCNEI, 2010,p. 12)

A partir de observações da realidade da comunidade onde a escola que atuo como professora está inserida e de acompanhar diversos problemas vivenciados por mim e por colegas com alunos agressivos, com falta de hábitos básicos de convivência, baixa autoestima e de total falta de atenção por parte da família relevei a necessidade de observar, conversar e visitar a família responsável pela tutela de dois alunos em especial, que apresentam distúrbios

de convivência provenientes de seu histórico familiar de abandono, maus tratos e experiências negativas em relação à conduta dos pais e familiares. Alunos esses com quem vivenciei fatos marcantes no período do segundo semestre do ano de 2012 até o presente momento, tais acontecimentos corroboraram para o interesse em investigar sobre qual a prática do professor de educação infantil na formação moral da criança, questão que dá centralidade para a pesquisa que busquei realizar no curso de especialização em Docência na Educação Infantil. Conforme André e Lüdke (1986, p. 03 apud DANI, 2010, p. 382): “como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador”.

A necessidade em considerar os valores morais fundamentais para o desenvolvimento da criança se tornou vital no momento em que suas famílias apresentam-se tão vulneráveis a ponto de perderem a guarda de seus filhos momentânea ou definitivamente, por motivos como prisão dos pais, abandono de familiares responsáveis pela guarda da criança, prostituição, estabelecimentos não apropriados para permanência de menores (bares, casas de jogos, etc.).

Estas crianças se tornam agressivas, extremamente carentes emocionalmente, pouco ou quase nada interessadas nas atividades escolares. Muitas vezes são excluídas pelo próprio grupo de colegas devido ao seu histórico familiar, por fazerem parte da mesma comunidade as famílias trazem para a escola sua experiência fora da escola. Por outro lado, algumas crianças que passam por problemas de desorganização familiar e falta de referência de atitudes condizentes socialmente se auto excluem como atitude defensiva.

Esses fatos fizeram com que me sentisse desafiada em pesquisar e escrever sobre como agir perante situações como esta, o que não é uma tarefa fácil, pois as famílias também estão necessitando de apoio, e talvez não estejam preparadas para receber ajuda. As crianças demonstram, a todo o momento, sua fragilidade emocional, o professor precisa contornar a situação oferecendo atividades interessantes, para que aquele momento seja um instante de conhecimento para aquela criança tão debilitada emocionalmente.

Cada vez que estou planejando uma atividade nova, desafiadora, diferente, imagino como serão os rostinhos, olhares e demonstrações que receberei de meus alunos e principalmente, qual diferença essa ação fará para sua formação física, psicológica, afetiva, cognitiva, moral e social. Não gosto muito de trabalhar com projetos prontos, pré-determinados como, por exemplo, datas comemorativas, sempre que a escola me sugere desenvolvo algumas atividades e não me detenho muito. Procuro selecionar trabalhos que envolvam as necessidades da turma, atualmente estou trabalhando, entre outros, com um projeto que incentiva a leitura em família, a turma possui uma sacola da leitura onde contém

um caderno de desenho, um estojo de pintura e um livro de história escolhido pelo aluno. Cada criança leva pra casa num dia e os familiares devem ler para a criança e auxiliá-lo a registrar no caderno de desenho o livro e os detalhes da contação da história.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010)

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir a criança acesso ao processo de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagem de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, a convivência e a interação com outras crianças. (DCNEI, 2010, p. 18)

A EMEI desenvolve atualmente o Projeto “Histórias e Brincadeiras Saltando dos Livros” de incentivo à leitura, teatro e jogos educativos em sala apropriada com cronograma que viabiliza a participação de todas as turmas e o acesso as diferentes atividades de acordo com cada faixa etária. Cada educador programa juntamente com a monitora da sala especial as atividades a serem realizadas em dia e horário pré-determinado.

O Projeto “Brincar: Aprendizagem para a Vida”, também desenvolvido coletivamente na EMEI com a fundamentação de que o brinquedo - objeto da brincadeira e do ato de brincar segundo os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (2009) não necessariamente precisa ser algo convencional e concreto, podendo ser imaginário, simbólico, e sem critérios de realidade e possibilidade real. Porém todo e qualquer brinquedo efetivamente precisa conter margem para a criação, o invento, a ousadia típica da criança pequena. Comprovam essa afirmação as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 26) ao que se referem às interações e à brincadeira “Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza”. Talvez estejam aí à resposta para os pais que ficam tão intrigados ao verem seus filhos preferindo brinquedos de materiais reciclados como tampinhas, frascos, caixas, papéis picados, canudinhos, palitos, etc. – para os adultos algo que devia estar no lixo, ao invés dos caríssimos brinquedos industrializados... O brinquedo criado, moldado ou mesmo identificado para determinada brincadeira permite a criança o ato da criação, já o brinquedo pronto pré-definido para aquela função tira muitas vezes a chance da personalização do objeto em questão.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) a atividade lúdica na escola proporciona a criança experiências intelectuais e sociais de grande significado. A convivência em grupo, o respeito ao próximo, o autocontrole, a honestidade, o companheirismo, a organização são apenas algumas das implicações para o desenvolvimento

de uma brincadeira sadia. Durante as brincadeiras, nos momentos mais descontraídos que a criança demonstra sua real personalidade incluindo também, seus medos, suas inquietações bem como, realizações.

A atividade do brincar deve ser incentivada e objetivada pela professora, atos de brincar livre podem ser excludentes e sem propósito concreto visto que as brincadeiras muitas vezes tendem a tomar rumos indesejáveis e de organização inadequada. As brincadeiras assistidas são sempre boas propostas, pois o professor se torna parte deste ato compreendendo os objetivos pedagógicos neste momento tão prazeroso para crianças e adultos, obviamente quando é bem elaborado.

A seleção de brinquedos não é tarefa fácil, devemos considerar muitos critérios entre eles: durabilidade, ser atraente e adequado a faixa etária da turma, ser apropriado a usos diversos, garantir a segurança, ampliar a capacidade de criação, não conter preconceitos de gênero, classe social e etnia, não deve incentivar à violência e uma sala de brinquedos deve ser bem diversificada contendo itens tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas professoras, crianças e pais. Nesse sentido, nós professores precisamos estar atentos as características e interesses da turma que atuam e terem objetivos bem definidos e significativos em relação à atividade do brincar. Contemplando sempre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 17) “Assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação das crianças com as famílias”. Com base nesta afirmação, na minha escola, os brinquedos são confeccionados coletivamente de materiais reciclados, em oficinas organizadas pela coordenação pedagógica, voluntários da escola ou da comunidade em geral, juntamente com professores, demais profissionais da educação e comunidade escolar em geral, ressaltando sempre o estímulo à participação dos pais.

Devido à necessidade de materiais reciclados pra confeccionar os brinquedos juntamente com pais e alunos a EMEI desenvolve paralelamente o Projeto “Reciclagem e Conscientização Ambiental” que consiste em valorizar o trabalho da comunidade, integrando-os à escola de modo a buscar a conscientização ambiental. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p.26) mostram que as experiências devem garantir “[...] a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais”. Visto que a clientela escolar é composta, em sua maioria por filhos de catadores, reconhecendo o trabalho realizado pelos pais (comunidade), pretende-se trabalhar a conscientização ambiental. O objetivo deste projeto é contribuir para o crescimento da comunidade social a qual a escola está inserida. A escola por inteiro trabalhou no projeto durante 2012, o qual está

sendo retomado em 2013. A partir da ideia de separar o lixo dentro da escola surgiu também à ideia de fazer uma horta e uma composteira para uso do lixo orgânico, os canteiros foram cultivados pelas turmas, cada um era responsável de uma turma e de seus professores. As hortaliças são utilizadas para o almoço e lanche em geral como adicional aos alimentos já enviados pelo órgão mantenedor, a alimentação adequada e o incentivo ao consumo de alimentos saudáveis são temas de diversas atividades desenvolvidas em cada turma da escola observando sempre a faixa etária e o interesse de cada grupo.

A responsabilidade social do professor de Educação Infantil (E.I.) é um dos maiores compromissos do profissional de educação que atua diretamente com as crianças. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010)

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.(DCNEI, 2010,p. 16).

Quando se pensa em qualidade para E. I., fundamenta-se no desenvolvimento físico, psicológico, afetivo, cognitivo, moral e social da criança. De acordo com DANI (2010, p. 392) “[...] é pertinente e relevante que a escola, seus professores e seus alunos invistam em propostas que possibilitem mudanças individuais e coletivas, suscitando mais qualidade nas relações eu-outro e nas práticas educativas.”

Diante disso, o professor tem que realizar a atividade de planejamento, organização, e uma prática plena de conhecimento e sensibilidade para atender as exigências para uma E. I. de qualidade, visando à formação moral de seus alunos. É nesse sentido, que a questão sobre qual o papel do professor de Educação Infantil é relevante para/na formação moral da criança. Conhecendo o conhecimento teórico apoiado na prática pedagógica para que o professor de Educação Infantil se aproprie da noção de responsabilidade enquanto elemento fundante de sua prática pedagógica, pois, tal prática muitas vezes está além de atividades que visem o desenvolvimento motor e cognitivo da criança – sendo assim passível de se tornar uma ação social. O profissional de educação precisa dar-se conta da grandiosidade do ato de educar visando melhorar socialmente o local onde vive/atua como educador. Conforme Dani (2010)

Acredito que a instituição escolar não é neutra no processo de construção moral dos educandos. Embora a escola de hoje centralize seu trabalho no desenvolvimento cognitivo dos alunos, considerando apenas o ensino de conteúdos voltados para o

campo da ciência e tecnologia estará também, mesmo que implicitamente, transmitindo valores que influenciam o desenvolvimento moral desses. (DANI, 2010, p.392)

Sendo assim, o objetivo geral que norteou a pesquisa foi: Investigar qual o papel do professor de educação infantil na formação moral da criança; e os objetivos específicos: Identificar quais práticas educativas do professor como formador de conceitos básicos de moral; Identificar qual a importância do professor da Educação Infantil a partir das práticas educativas que priorizem a dimensão moral da formação da criança.

Para realizar o movimento que a investigação exige trabalhamos com a abordagem qualitativa, considerando que para a apropriação do referencial teórico trabalhamos com a seleção de referências bibliográficas e documentais, tais como as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (5/2009). No entanto, o tipo de pesquisa foi participante, pois ao mesmo tempo em que foram realizadas observações das crianças no espaço da escola, foram sistematizadas as anotações sobre a realidade das turmas que atuo como professora.

A pesquisa foi desenvolvida com base em observações e conversas com os alunos que apresentam visível necessidade de acompanhamento, que estejam passando por situações como prisão dos pais e desleixo por parte de familiares responsáveis pela guarda das crianças. Também foram feitas visitas aos familiares visando observar e sistematizar a realidade a qual o aluno está inserido e quais motivos possuem para suas atitudes. As conversas e visitas foram registradas através de fotos e filmagens mediante autorização prévia dos responsáveis legais pelos alunos. Após as observações e considerações sobre a realidade em questão busquei fundamentar teoricamente os elementos que emergiram da coleta de dados.

HISTÓRICO DO PROBLEMA

No início do ano letivo de 2012 comecei a trabalhar em uma Escola de Educação Infantil cujo nome não pode ser revelado para segurança dos indivíduos que vivenciam o problema que será abordado. Ocorre que ao fazer as entrevistas costumeiras de início de ano, colegas comentaram que havia dois alunos em situação familiar de extremo abandono emocional, um da Turma do Maternal 2 e outro da Turma do Pré A, ambos irmãos. Ouvindo os relatos das professoras me interessei bastante pelo caso, pois como estavam matriculados na escola naturalmente irão chegar até o Pré B, sempre procuro acompanhar situações adversas das turmas, pois quando esses alunos chegam até minha sala sei um pouco da sua história o que torna o trabalho mais interessante e de melhor qualidade.

Irei citar os alunos em questão com nomes fictícios para preservação de suas identidades a partir deste momento serão designados como Alfa e Ômega. Alfa é do Sexo Masculino e Ômega do Sexo Feminino.

Durante todo ano fui me aproximando destas crianças e conversando amistosamente com suas professoras sobre seus comportamentos e de seus familiares. Sempre que possível brincava com as crianças, dava colo, atenção, perguntava sobre seus finais de semana, feriados, enfim momentos fora da escola com os familiares. Em pouco tempo de aproximação estavam meus melhores amigos, vinham correndo me abraçar e me contarem suas histórias. Eu comecei a me interessar cada vez mais por eles.

O pai dessas crianças está preso desde meados de 2011 já pela segunda vez, anteriormente já tinha estado preso entre 2008 e 2010 por tráfico de drogas, roubo, assassinato, sequestro entre outros crimes. É uma figura conhecida na região por sua característica fora-da-lei. A mãe esteve presa também por volta do ano de 2009 também por roubo e tráfico de drogas foi quando engravidou de Ômega, neste período, Alfa ficou sob custódia de familiares maternos. Alguns meses depois do nascimento de Ômega ela foi solta e esteve recuperada por algum tempo (mais ou menos 6 meses) depois, segundo relatos de vizinhos e familiares voltou a praticar crimes como: pequenos roubos e principalmente traficar drogas em geral. Durante esse período as crianças ficaram com a mãe que inicialmente recuperada trabalhava como doméstica e faxineira, algum tempo depois da soltura abriu na casa da família um bar com mesa de jogos, e clandestinamente prostituição e venda de produtos ilícitos.

A partir deste momento as crianças que já apresentavam desvio comportamental como agressividade, choro excessivo, depressão e visível carência emocional, se apresentavam cada vez mais abatidas, sonolentas, tristes e contando fatos como: “Lá na minha casa tinha uma festa ontem e a minha mãe botou som bem alto e mandou nós dormi...”, “ontem um homem amigo da minha mãe deu uma tunda de facão em outro homem que tava lá em casa...”, “Profe, tu nem sabe!? Hoje um amigo da minha mãe de uma tunda na muié dele lá em casa de noite...”, “Profe, tu sabe que ontem de noite a mãe mandou nós dormi e nós levantamo e espiamo na porta e vimo a ‘Fulana’ amiga da minha mãe dançando em cima da mesa de joga isnuque...” Uma das histórias que as crianças contavam que mais me chamou atenção foi um relato de Alfa: “Profe tu sabe uma coisa?! Ontem a Polícia foi lá na minha casa de noite e mexeu em tudo, mas não achou as coisa da minha mãe, ela disse pros Brigadiano que não tinha nada de mal, mas depois que eles foram embora ela disse pro outro homem que tava lá que tinha levado tudo lá pra minha tia e deu risada...” Diante a isso eu perguntei: “Mas Alfa,

que coisas da tua mãe os Policiais estavam procurando, tu sabe? Ele prontamente me disse: “Ah, eu não sei profê mas ela que disse.” Aí eu continuei perguntando: “O que tu e a Alfa fizeram quando os Policiais chegaram?”E ele me respondeu: “Minha mãe mando nós ir lá pra minha tia bem ligeiro e nós se fomo correndo lá pra trás.”

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010, p. 21) deve-se assegurar “A dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes”, a partir disso, em conversas com as professoras da turma e com a direção resolvemos solicitar ao Conselho Tutelar uma visita na escola para explicarmos o problema e pedir que tomassem as devidas providências. Os procedimentos legais aconteceram, porém a situação não foi resolvida, o que realmente aconteceu foi que as crianças pararam de falar com tanta naturalidade sobre os acontecimentos fora da escola com suas professoras e até mesmo comigo que, até então, eles se sentiam mais livres para de conversar. Isso foi no mês de julho. Não conseguíamos saber muito sobre o que acontecia em casa e ainda para piorar a mãe das crianças nunca mais apareceu na escola para conversar sobre seus filhos, raramente trazia e buscava os filhos, assim designando parentes e vizinhos para essa responsabilidade. Excepcionalmente falava com as professoras, agia com falta de educação e agressividade verbal.

Entre o início da primeira e da segunda quinzena de setembro de 2012 através de uma Operação de grande porte na cidade, a Polícia Civil efetuou uma série de prisões (cerca de 30 pessoas) por tráfico de drogas. Nessa operação deu-se a prisão de mães, pais, parentes, vizinhos e conhecidos dos nossos alunos. Porém a mim me marcou o fato da prisão da mãe de Alfa e Ômega. Foi um episódio singular. As prisões aconteceram desde o amanhecer até o meio da manhã. Conforme iam sendo efetivadas as prisões o Conselho Tutelar acompanhava os menores encaminhando para familiares ou em casos mais extremos à Casa de Passagem. Nesse dia a escola estava promovendo uma mateada para alunos e familiares, não compareceu nenhum familiar e nós professores tínhamos que conter a emoção e resignificar nosso planejamento para acalmar as crianças e fazer com que se sentissem seguras conosco, não foi tarefa fácil, juntamos turmas, fizemos brincadeiras, jogos, músicas..., a vila estava toda tomada por policiais, carros eram revistados e pessoas deviam se identificar na entrada e na saída.

Todo mundo sentia medo, a direção da escola comunicou que devíamos ficar somente dentro das salas evitando o pátio por causa de uma suposta resistência das pessoas com prisão

decretada, podendo ocorrer tiros nas proximidades da escola. Foram momentos bem inquietantes, Alfa e Ômega estavam agora com o pai e mãe ambos presos. No momento em que o Conselho Tutelar chegou à escola pra buscá-los para explicar a situação e procurar por familiares capazes de responsabilizarem-se pelos dois foi impactante. Alfa estava nervoso desde a chegada, agitado, choroso e só falava que queria ver a mãe, Ômega também chorosa, mas sem entender muito bem os fatos. Quando Alfa viu as Conselheiras Tutelares, percebeu que estavam se dirigindo a ele e quando começaram a falar ele desesperou-se “Não quero ir pra Casa de Passagem, eu quero a minha mãe, quando eu crescer vou matar tudo esse brigadiano que prenderam a minha mãe, eu quero ficar aqui na escola com a Profe ‘Meu Nome’...” Foi muito triste, eu fiquei muito abalada. Inicialmente os irmãos foram levados para Casa de Passagem e posteriormente entregues a uma tia materna.

A partir daí, a escola toda passou a ter ainda mais cuidado em relação a esse caso, conversas descontraídas sempre que possível eram realizadas com os irmãos, às vezes juntos, outras vezes individualmente para sabermos como estavam sendo atendidos fisicamente e emocionalmente. Segundo suas colocações, estavam bem, porém com muita saudade da mãe e sem saber direito onde ela estava e por qual motivo, a tia havia explicado que a mãe estaria em outra cidade trabalhando e que logo voltaria, sobre o pai já tinham poucas lembranças e com os novos acontecimentos estava totalmente esquecido. As crianças passaram a não interessar-se mais por nenhuma atividade na sala de aula, ficaram ainda mais agressivos com colegas, resistentes às solicitações das professoras e a cada contrariedade reagem com choros e gritos demonstrando extremo descontrole emocional. Conforme Dani (2010)

[...] identificar e compreender as causas da existência dos conflitos, problematizar essas situações entre os alunos quando ocorrem violências físicas e psicológicas são atitudes necessárias a qualquer professor. Essas atitudes favorecem a construção de um ambiente de diálogo no qual as crianças são convidadas a expressar seus pontos de vista, ao mesmo tempo em que conhecem as razões de seus pares. Nesse sentido, as experiências de trocas entre as crianças contribuem para a conquista da autonomia e para a aprendizagem de capacidades como a empatia, a reciprocidade e a sensibilidade moral. (DANI, 2010, p. 384)

O Conselho Tutelar foi seguidamente comunicado para que estivessem a par da situação colaborando com a escola para o melhor atendimento desses alunos, foi solicitado a Secretaria de Educação um acompanhamento psicológico aos dois, porém até o presente momento não se teve retorno.

Após cerca de três meses, sob responsabilidade, desta tia materna o Conselho Tutelar comunicou à escola que a família estaria pedindo para não mais cuidar das crianças. Então

havia sido escolhida outra tia materna para guarda de Alfa e Ômega. Essa nova casa/família já é conhecida na escola, representa pessoas de difícil compreensão e com estrutura emocional abalada. Essa tia tentou suicídio recentemente, possui filhos adolescentes e sobrinhos que estão sobre sua tutela de outra irmã que os abandonou e está em local não sabido. Tem uma neta matriculada na escola e a mãe é extremamente mal-educada e pouco se interessa pela filha, sempre culpa a escola por qualquer motivo.

Essa família tem um bar com mesa de jogos, possível prostituição e venda de drogas ilícitas. Alfa e Ômega como os demais menores da casa convivem naturalmente com situação inapropriadas para crianças como brigas, bebidas alcoólicas, agressões verbais, prisões, pequenos golpes, etc.

No início do ano letivo de 2013 retomei as atividades na EMEI e novamente me deparei com essa situação com alguns toques de gravidade. Alfa e Ômega estavam mal arrumados, sem materiais básicos para as atividades escolares, vinham sozinhos para a escola. O mais velho responsabilizando-se pela mais nova. Segundo vizinhos, ficavam até tarde da noite brincando na rua e alimentando-se em casas de conhecidos, Alfa e Ômega recebem uma pensão, correspondente a situação dos pais estarem presos, e esse valor, deve ser usado para suas necessidades básicas. Como agora estavam os dois matriculados nas Turmas de Pré A e Pré B, eu como professora do Pré B juntamente com minha colega do Pré A conversamos com a Direção e Coordenação solicitando que conversassem com a tia explicando a situação e requerendo uma mudança nos hábitos de Alfa e Ômega. Fomos atendidas e gradativamente começamos notar as mudanças desejadas. Para isso Flores (2010) afirma que

[...] efetivar o cumprimento dos direitos da criança, hoje, significa pautar a ação institucional por uma articulação entre as dimensões de cuidado e educação, garantindo às crianças, desde a mais tenra idade e de forma intencionalmente planejada, tempos e espaços para crescer, brincar, aprender, socializar-se, expressar emoções, receber carinho, desenvolver a autonomia. Acolhimento, proteção, desafio, incentivo, apoio, amor e dedicação por parte dos adultos constituem-se em elementos essenciais em uma proposta curricular voltada a essa faixa etária. (FLORES, 2010, p. 36)

No decorrer das aulas fui observando Alfa, seu choro constante, a necessidade extrema de chamar atenção e a agressividade com os colegas, estavam ainda mais acentuados que no ano passado, raramente realiza as atividades propostas completamente. Sua irmã diariamente apresentava momentos de choro e gritos descontrolados, extremamente desatentos e resistentes às ordens da professora durante a aula. Devido a minha pesquisa retomei as nossas

conversas e descobri através de colocações desencontradas que estavam sendo agredidos pelo tio e obrigados a fazer o serviço da casa, bem como cuidar das crianças pequenas.

De acordo com o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) o qual enfatiza que a escola deve estabelecer laços afetivos com a comunidade onde a escola está inserida, principalmente com as famílias dos seus alunos, iniciei também visitas amistosas às famílias, usei a ideia de que estava visitando todos meus alunos para saber mais sobre seus familiares e moradias. Todas as famílias me receberam muito bem falaram sobre suas dificuldades diárias, sobre o quanto suas vidas tinham mudado após a EMEI ter sido construída na vila, sobre suas ideias sobre as aulas, etc. eu também falei sobre minha vida profissional, sobre o fato de estar cursando Especialização em Docência na Educação Infantil na UFSM e sobre a possibilidade de me autorizarem a usar fotos, vídeos, atividades de seus filhos em meus estudos, inicialmente todos foram favoráveis, inclusive notei satisfação. Foi muito produtiva a iniciativa, acredito que devo fazer novamente essas visitas em anos posteriores a esse, pois saber da realidade dos meus alunos é fundamental para qualidade do meu trabalho. Tenho nos pais pessoas muito interessadas e compreensivas, a maioria fica perguntado quando irei aparecer novamente para tomar um mate e conversar. Porém pra minha pesquisa trabalhei somente com o caso de Alfa e Ômega.

SOBRE AS VISITAS À FAMÍLIA

Fiz apenas três visitas a família de Alfa e Ômega, todas no mês de março (primeira segunda e terceira semana). Na primeira fiquei em torno de meia hora, na segunda por volta de uma hora e a terceira cerca de duas horas. Fui bem recebida, a tia e o tio das crianças foram bem educados, insistiam para que eu ficasse mais, queriam me contar como viviam com intensa necessidade de demonstrar que cuidavam bem dos dois e que gostavam muito deles. O que não condizia com as minhas conversas com Ômega sobre as surras e as exigências quanto às tarefas domésticas. O casal me falou que em casa as crianças eram muito teimosas, agressivas e usaram o termo “meio locas” iguais à mãe e o pai e que era muito difícil ser responsável pelos dois, mas não tinham outra opção porque caso contrário elas iriam para Casa de Passagem. Perguntei sobre as visitas a mãe das crianças na prisão e prontamente ele (tio) me falou que nunca tinha ido e ela (tia) disse que ia seguido, e que levou as crianças lá também, e explicou tudo para que soubessem as “coisas” direito. Disseram que o dinheiro que recebem “não dá prá nada” porque eles não cuidam as roupas e pedem muita “porcaria do bolicho”, não gostam de comer “comida grosseira”. Falaram que vão “ter que criar” Alfa e

Ômega porque o pai e a mãe deles “não saem tão cedo da cadeia” e que “procuraram sarna pra se coçar”. Eu não retrucava nada só ouvia e fazia perguntas sutis e em casa escrevia sobre as conversas. A casa é bem pequena e moram muitas pessoas, não fui convidada para entrar nos quartos, estive no bar (que é a sala da casa), onde todos ficam na maior parte do tempo pelo que pude observar, estive também na cozinha, bem debilitada com móveis velhos e com aspecto de falta de higiene.

Entre as visitas, sempre me chamava atenção que sempre havia clientes no bar e as crianças por perto e os tios e as primas adolescentes de Alfa e Ômega falavam sem sigilo “pra quem quisesse ouvir” como eles mesmos diziam, sobre os pais das crianças que estavam presos, o comportamento de Alfa e Ômega e ao mesmo tempo o quanto gostavam, cuidavam bem e faziam de tudo pelos dois, porém as crianças em nenhum momento demonstravam carinho pelos tios.

Na terceira e última visita eles então me mostraram até as roupas e os materiais que tinham comprado para as crianças. Como se para me provar que estavam cuidando bem dos sobrinhos, elogiaram o comportamento e seus hábitos alimentares. E o tio inclusive aconselhava os dois a estudarem e serem professores que nem eu porque eu era “gente boa”. A tia perguntava aos dois se queriam ir comigo pra minha casa, porque segundo ela dias atrás eles tinham chegado a casa dizendo que eu tinha convidado eles pra irem posar comigo. A família toda estava muito preocupada em causar boa impressão. Esse dia era uma quarta-feira e Ômega e Alfa não tinham ido à aula desde a sexta-feira, inclusive não havia programado essa visita foi sem avisar e me programar, cheguei com a desculpa de saber das crianças. Foi sem dúvida a visita que fui mais bem recebida e que assisti a maior encenação de fatos de até então. A partir das conversas com Ômega juntei todas as peças do quebra-cabeça o que desencadeou vários acontecimentos derivados das minhas visitas, conversas com os dois irmãos e observações de colegas, Direção e Coordenação da EMEI.

AS CONVERSAS COM AS CRIANÇAS...

Em minhas conversas com as crianças sempre pergunto de forma sutil, sem propósito aparente, como um assunto bem descontraído para conservar sua sinceridade. Inclusive descobri que o tio batia seguidamente e de forma a configurar agressão. Também constatei que a pensão não era gasta com as crianças devido às roupas que usavam e por não terem materiais escolares, nem o uniforme da escola a família adquiriu. Entre todas as conversas a que mais me chamou atenção foi a que realizei depois da última visita que fiz a família. A

história foi a seguinte, comecei perguntando se estavam felizes com todos os presentes que tinham ganhado e eles prontamente responderam que sim e me contaram que tinham matérias, mochilas, roupas novas, brinquedos e chocolates.

Depois continuamos a prosa e perguntei: “Porque ficaram tantos dias em casa sem vir à escola?” inicialmente me disseram “Porque sim.” Mas eu vi que havia mais... Ômega saiu para brincar e Alfa quis vir para meu colo e então me disse: “Sabe Profe, meu tio disse que se eu teimar na escola vai me quebrar a pau.” Daí eu falei: “Mas tu não teima com a profe, não precisa se preocupar...” Aí, ele me disse “É mais aquele dia ele me surrou e ficou roxo.” E eu falei: “Que dia? Mas eu não disse pra ninguém que tu tinhas teimado e nem a profe da Alfa disse, porque ele te bateu?” Alfa respondeu: Mas a ‘fulana’ (prima) disse que nós tava “medonho”. Daí meu tio me deu uma tunda e uma tunda na Ômega. Aí nós ficamos em casa porque tava roxo. Eu fiquei bem nervosa, porque lembrei as cenas que tinha visto no mesmo período do fato que, estava sendo relatado. Obviamente que a família tinha comprado todas aquelas coisas para mascarar a situação de maus tratos e que as crianças supostamente esquecessem devido aos presentes.

Com base no Estatuto da Criança e Adolescente (1990), levei a situação até a direção que de pronto solicitou a presença do Conselho Tutelar na escola para explicar todo o fato. Explicamos tudo às conselheiras, inclusive sobre as minhas considerações sobre as visitas e as conversas com as crianças. A partir daí o Conselho Tutelar foi até a família e tomou as atitudes cabíveis, constataram que estavam sofrendo maus tratos, a família não estava usando adequadamente a pensão das crianças e que os menores não poderiam estar/permanecer no bar por ser local inapropriado para crianças. A família toda está com custódia recebendo visitas constantes de assistentes sociais e sendo monitorada quanto aos cuidados com os menores e o uso das pensões de Alfa e Ômega. A escola está incumbida a observar e comunicar toda e qualquer suspeita de maus tratos e falta de cuidados em relação aos irmãos, bem como aos demais alunos da escola que são membros desta família.

Porém com todos esses acontecimentos a diretora da minha escola recebeu ameaças por telefone, tendo inclusive que trocar o número do seu celular. Meu celular toca várias vezes, números confidenciais e quando atendo ninguém fala nada... Está uma situação muito delicada, nesses últimos dias as ligações até diminuíram quase completamente. As visitas a família obviamente foram suspensas, a autorização para o uso de gravações, trabalhos, vídeos, foi rescindida e as conversas com as crianças não têm acontecido com tanta facilidade, eles estão arredios, acredito que devem estar proibidos de falar sobre a vida fora da escola. Boatos que o pai das crianças irá sair da prisão e acertar as contas conosco foram lançados e

chegaram até nós, a história claro foi distorcida pelos tios das crianças, como se nós estivéssemos prejudicando a convivência entre a família, colocando Alfa e Ômega contra eles... O que se sabe é que pelo menos aparentemente a nossa coragem fez a diferença, porque o Conselho Tutelar está assistindo mais de perto essa família, assim conseguimos algo positivo, mas sinceramente tivemos e ainda temos medo porque são pessoas ligadas ao crime e temos família e pensamos que podemos realmente sofrer retaliações por causa das nossas atitudes. A minha diretora inclusive me aconselhou a mudar meu tema do TCC e que ela não comenta com ninguém sobre esse fato para se proteger e proteger seus familiares. Eu resolvi escrever mesmo assim, mas da maneira mais segura possível porque são pessoas bem difíceis e ainda tenho que conviver com eles na mesma cidade e pelo menos por mais dois anos ministrando aula para seus filhos, sobrinhos, netos e mesmo conhecidos.

EDUCAÇÃO INFANTIL – UM COMPROMISSO EDUCACIONAL E SOCIAL

A Educação Infantil tem assumido nas últimas décadas um papel de destaque nas políticas públicas, mais que isso no cenário educacional como um todo – sendo vista como a primeira etapa da Educação Básica – isso é sem dúvida uma conquista social, uma mudança perante a sociedade, deixando de ser somente uma obra assistencial e passando a ser também uma atividade de caráter educacional. Para isso as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil contemplam já na sua apresentação o seguinte texto:

O atendimento em creches e pré-escolas como direito social das crianças se afirma na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação. O processo que resultou nessa conquista teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos dos trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país, além evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da Educação. (DCNEI, 2010, p. 07)

Atualmente, trabalho com duas turmas de Pré-Escolar B, alunos de 5 anos, a realidade social destas crianças é muito difícil. São famílias numerosas, de presidiários, desempregados, com baixíssima renda per capita... De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a “[...] Educação Infantil vive em um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças”. Essa situação me deixa muito preocupada em relação a minha intervenção como professora

responsável pela formação moral, social, intelectual, psicológica, emocional e física da criança.

Conforme Santos (2000), partindo do princípio de que a criança é um ser social, ela não é alguém que ainda vai se transformar em indivíduo, por isso a educação que ela está recebendo deve estar atenta a todas as implicações que esta afirmação representa. A escola de Educação Infantil é uma instituição que deve estar voltada para o desenvolvimento da criança por inteiro, enquanto sujeito inserido na sociedade. Seu desenvolvimento físico, cognitivo, ético, sua cultura, seu histórico familiar, seus direitos, seus deveres, sua classe social, suas experiências individuais, o contexto ao qual está incluído e todas as questões relativas a este campo são objetos relevantes para o planejamento e a realização do trabalho do profissional que atua na Educação Infantil.

A formação da criança se dá à medida que ela é vista como um ser social com as dificuldades e facilidades da convivência em grupo, isso acontece em nossa sala de aula a todo o momento. Segundo Rosário (2013)

Ao ingressar na instituição escolar, a criança muitas vezes apresenta momentos de agressão com o coleguinha ou com o professor, seja quando lhe é imposta uma regra, quando não aceita a divisão de um mesmo espaço, quando possui desejo e possessão por um brinquedo ou até mesmo na busca pela atenção de um adulto. Isso ocorre por conta da sua natureza egocêntrica e também por ainda não lhe ser clara a consciência a respeito das regras sociais a ela impostas em determinado ambiente, o que pode causar conflitos que culminam em sentimentos de insegurança, surgindo assim atitudes aparentemente antissociais. (ROSÁRIO, 2013, p. 21)

Inicialmente todos esses acontecimentos conflitantes são vistos como normais, pois a socialização da criança é propósito da escola e responsabilidade do educador, ainda com base nas escritas de Rosário (2013). A referida autora enfatiza que:

O que chama a atenção e deve ser observado com mais cuidado são as demonstrações desmotivadas de agressividade que podem indicar um distúrbio emocional e, para que o adulto possa contornar a situação, deve ser dada a devida atenção às emoções/sentimentos e ao comportamento que a criança apresenta. (ROSÁRIO, 2013, p.21)

E é aí que a intervenção do professor se torna vital: O comportamento deste aluno é dessa maneira porque ele é mesmo malcriado ou porque sua experiência social fora da escola está lhe exigindo esta atitude? E o que fazer diante dessa dificuldade? Como fazer uma abordagem positiva? Como isso deve ser usado para o crescimento social da turma? E esta família, de que está precisando, de um professor que a chama na escola para apontar os defeitos do filho e/ou de um professor social que busca maneiras de resolver o problema que

às vezes, quase sempre nem é da criança? São questões no mínimo intrigantes, nos fazem pensar e ainda nos geram mais perguntas. Afinal, quem são os adultos de amanhã que iremos encontrar nas ruas e veremos o resultado social do trabalho que realizamos em sala de aula? E ainda, nossa prática de educadores está caracterizada de que maneira? E a escola, deve ser apenas um prédio dentro dessa ou daquela comunidade, ou deve estar mesmo inserida naquela realidade, tentando usar os pontos positivos em contraponto aos negativos, participando socialmente? A respeito dessas inquietações as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010) nos mostram que para atingirem seus objetivos éticos, políticos e estéticos, as Instituições de Educação Infantil devem assegurar que suas práticas pedagógicas visem:

A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo. A indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança. A participação, diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização. O estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade. O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma faixa idade e crianças de diferentes idades. (DCNEI, 2010, p. 19)

Esse tema comporta ainda um ponto de suma importância, quem é e como age o profissional que atua na Educação Infantil? E ele é alguém realmente atuante, alguém preocupado em mudar a realidade doente da sociedade em que vive? Ou é um indivíduo sem perspectivas individuais e então, como irá ter sonhos de coletividade? Como afirma Morin (1921, p.38) “o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional.” Pois bem, é o professor que pode intervir de forma significativa na realidade dessas crianças e que tem o compromisso de pôr em prática os objetivos para a Educação Infantil de qualidade que tanto se busca. De quais políticas educacionais precisa partir a preparação, qualificação e remuneração deste profissional para estar apto e disposto a procurar as soluções para os tantos desafios encontrados no cotidiano escolar? Diante disso, Rosário (2013) afirma que:

[..] o foco da atuação dos professores junto aos alunos em programas universais de prevenção seria o aumento da competência social e emocional e o desenvolvimento das habilidades de autocontrole, consciência e regulação emocional, de comunicação e sociais relacionadas aos pares, além da resolução de problemas interpessoais, manejo de raiva, controle dos impulsos e empatia. [...] também, como de extrema relevância, a necessidade de os professores estarem capacitados a adotar abordagens de ensino adequadas à aprendizagem das habilidades sociais. (ROSÁRIO, 2013, p. 38)

O compromisso social da educação não é utopia! Está diariamente estampado na face dos alunos massacrados pela falta de sonhos de uma família desestruturada pela miséria, pelo desrespeito moral, pela falta de forças para lutar pelo “seu lugar ao sol” sem ver muito resultado... Ou então, no rosto daqueles alunos que são fruto de uma família economicamente estável e bem sucedida profissionalmente, mas paupérrima no campo da afetividade. Toda essa carga será extravasada na escola - a instituição social que ele (o aluno) participa – e infelizmente por a família (nesses casos) estar num momento de total falta de condições para orientar esta criança a escola precisa entrar em ação e fazer a intervenção social para buscar a melhor formação desta futura geração. Pois estas crianças de hoje serão amanhã adultos responsáveis pela educação de seus filhos, futuros alunos e também pelo real exercício da cidadania neste país. Conforme Rosário (2013).

É necessário, então, agir na gênese do problema. A identificação de programas eficazes em termos de prevenção e redução da agressividade contribuiria para fortalecer o entendimento do papel crucial da escola no encaminhamento da problemática da violência e evidenciar as implicações para a formação de professores.(ROSARIO, 2013,p.35)

Evita-se, assim, outra geração com as mesmas e/ou até piores dificuldades que as de hoje. Portanto, é possível sim fazer uma Educação de qualidade desde que seja ela, fundamentada no desenvolvimento físico, psicológico, afetivo, cognitivo, moral e social da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu senti que realmente meu trabalho de conclusão de Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil fez a diferença no meu local de trabalho, na sociedade. A formação desses alunos depende da escola e do que as professoras podem fazer para sua proteção e formação moral, colaborando para amenizar seus traumas e maximizando suas características positivas, pode ser gradativamente de forma delicada, mas construindo uma grande mudança. Embasando isso Guimarães (2010) diz

Gostaria também de dizer que algumas escolas públicas brasileiras se dispõem a arriscar-se para além das velhas representações e realizam experiências bastante significativas para a formação dos seus alunos mas, infelizmente, esses exemplos são pouco conhecidos e divulgados porque explicitam o abandono do Estado e a necessidade de atuações efetivas que articulem uma crítica à sociedade, aos seus valores, aos conteúdos curriculares expressos nos documentos oficiais e o projeto pedagógico construído por essas escolas de forma autônoma e democrática. (GUIMARÃES, 2010, p. 427)

Segundo Menin (2012) a educação moral, apesar de o nome ser similar a antiga disciplina Educação Moral e Cívica, não está ligada ao condicionamento cívico, pois não é isso que se espera hoje. A educação moral atualmente visa à formação de um indivíduo autônomo, capaz de defender valores positivos para seu bem-estar e o do outro. Infelizmente, muitos professores ainda classificam a educação moral como secundária algo que pode ser trabalhado para um melhor desenvolvimento de outro tema e/ou projeto e não como objetivo primordial para acontecer a educação de qualidade. Muitos fatores podem ser responsáveis por esse fato, os projetos não são levados a diante e acontecem de forma superficial muitas vezes por os professores não vivenciarem a comunidade em que a escola está inserida, por falta de encorajamento, interesse ou mesmo por saberem que num curto período de tempo podem ser transferidos daquela escola.

Desde muito cedo, nas salas de Berçário, por exemplo, a educação moral vem se fazendo presente nos mais simples gestos dos professores para com seus alunos ensinando que determinados comportamentos não se aplicam a escola e em relação ao respeito entre colegas e professores. Porém, atitudes isoladas não qualificam a educação moral, os professores devem estar atentos aos problemas enfrentados pelos alunos fora da escola e da realidade objetivar a educação moral a ser desenvolvida nos projetos da escola. As famílias não são as únicas responsáveis pela formação das crianças, a escola desempenha um papel de parceria com a família ou mesmo de apoio para que a instituição familiar se recupere de seus traumas. A escola não pode receber seu aluno como mero receptor de informações técnicas, deve sim acolher este aluno como sujeito ativo socialmente, com experiências próprias e em formação física, cognitiva, psicológica e moral. Sempre considerando que a moral ensinada deve ser a moral vivenciada, as falas devem ser embasadas na prática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal 8069/90.

CAMPOS, Maria Malta. **Critérios para um atendimento em creches que respeite osdireitos fundamentais das crianças.** Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã.** 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KRAMER, Sonia. **O papel social da educação infantil.** Artigo enviado a convite para Revista Textos do Brasil, Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 1999.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PEREIRA, Regiane L. **O papel da educação infantil na construção da autonomia moral: uma revisão da literatura.** Monografia realizada para obtenção do Grau de Especialista em Psicologia Clínica: Infância e Família. Universidade do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade. Porto Alegre, 2006.

DANI, Lúcia Saete Celich. Escola: os conflitos sociomorais e a construção da personalidade moral. In: **Revista Educação.** Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 381-394, set./dez. 2010.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues. Movimentos na construção do direito à Educação Infantil: histórico e atualidade. In: **Revista Educação,** Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 25-38, jan./abr. 2010.

GUIMARÃES, Áurea M. Novos regimes de ver, ouvir e sentir afetam a vida escolar. In: **Revista Educação.** Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 413-430, set./dez. 2010.

MENIN, Maria Suzana. **A Educação moral hoje visa a formação autônoma, e não a obediência cívica.** In: **Revista Nova Escola,** Ano XXVII, nº 257, p. 30-34, novembro. 2012.

ROSÁRIO, Josiane Vargas. **Agressividade da criança no tempo espaço pré-escola.** (Monografia de Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2013.

SANTOS, Santa Marli Pires. **Brinquedo e Infância.** Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/fala-mestre-yves-la-taille-466838.shtml>